

HOMEM CRUZA

a fachada com o brasão de Paraty, que simboliza o café e a cana, duas riquezas da cidade



Fotos de André Teixeira

CRIANÇAS BRINCAM

fantasiadas de bonecos coloridos: tradição popular nos entornos da festa literária

Em dia de poesia, Gullar rouba a cena

Prestes a completar 80 anos, poeta conta casos, lê versos e é aplaudido de pé pela plateia

André Miranda, Guilherme Freitas, Lívia Brandão e Melina Dalboni

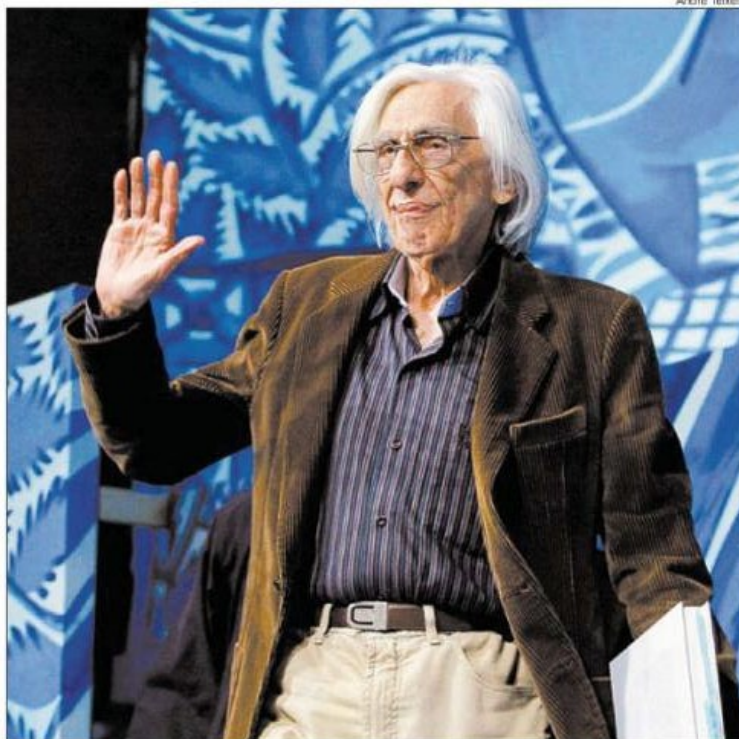
Enviados especiais

• PARATY. Prestes a completar 80 anos, o poeta Ferreira Gullar, que ganhou este ano o Prêmio Camões de Literatura, regeu como um maestro a plateia na Tenda dos Autores, no penúltimo dia da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). O poeta contou casos, lembrou histórias, fez piadas, leu três novos poemas que irá lançar num livro em breve, após uma década sem publicar inéditos. Aplaudido de pé, arrebatou o público e ficou tocado, ao final, com a reação de uma mulher que lhe agradeceu pela presença, aos gritos.

— Eu é que tenho que agradecer. E fico feliz por saber que a poesia ainda emociona as pessoas e me emociona — respondeu Gullar.

O poeta relembrou sua carreira, desde os versos ainda parnasianos de “Um pouco acima do chão” até a publicação do “Poema sujo”, quando estava exilado no Chile e pretendia dizer “a última coisa, o que lhe restava”. Costurou sua própria história dizendo estar sempre na contramão ou atrasado, e brincou:

— Fui morar no Chile, Allende caiu. Fui morar em Buenos Aires, morreu Perón. De modo que o pessoal dizia: “Não vem



André Teixeira

FERREIRA GULLAR agradece os aplausos na Tenda dos Autores: escritor participou de duas mesas ontem

Crumb esbanja bom humor

Artista bate papo com Gilbert Shelton

• Na mesa mais aguardada desta Flip, o cartunista americano Robert Crumb, um mito dos quadrinhos alternativos, conversou ontem com seu amigo e colega de ofício Gilbert Shelton. Bem-humorado, Crumb disse que não entendia porque alguém ia vê-lo num debate:

— Meu trabalho é interessante, mas minha personalidade não.

Conhecido pelos desenhos de mulheres voluptuosas, contou ter sido avisado de que o Brasil era a “terra prometida das bundas grandes”.

— Olhei por aí e vi que é verdade — disse.

O artista só não soube responder sobre sua vida nos anos 1960:

— Não me lembro daquele tempo. Eu fumava muita maconha. (A.M.)

dentro da festa

• KARAOKÊ

O irlandês Colum McCann e o americano de ascendência irlandesa William Kennedy prometeram ao mediador mexicano Ángel Gurría-Quintana, nos bastidores da Tenda dos Autores, que se encontrassem no palco uísque irlandês cantariam músicas tradicionais do país. Não tinha, e o público perdeu esse show.

“Mais tarde a gente canta, então”, disse McCann. “Ah, sim, bem mais tarde”, completou Kennedy.

• FEIRA HIPPIE

Isabel Allende procurou miçangas e pedrinhas para comprar em Paraty. Ela adora fazer colares, como terapia, e dar de presente aos amigos. Mas não gostou lá muito do que viu. A escritora deixou a cidade ontem.

• GELAAAADA

Robert Crumb e Gilbert Shelton passaram o dia de sexta-feira na Pousada Bromélias, em Angra. Queriam ver Mata Atlântica e cachoeira. Diante da água gelada, os dois quadrinistas acharam

para a não. Quer dizer, e uma injustiça, compreende?

Conversa entrosada entre William Kennedy e McCann

Na mesa anterior, ele participou de uma celebração dos 80 anos da publicação de "Alguns poemas", de Carlos Drummond de Andrade. Também aplaudido de pé, já ao entrar, ele se juntou a Antonio Cicero, Eucanaã Ferraz e Chacal para um divertido tributo, e acabou se tornando ele pró-

— e mais fácil reconhecer pessoas e ideias geniais no passado. Mas posso dizer que me orgulho de ter sido contemporâneo de Drummond e hoje me orgulho de ser contemporâneo de Ferreira Gullar — disse Antonio Cicero, provocando calorosos aplausos para o colega poeta.

Gullar retrucou, brincando: — Eu não posso aplaudir isso.

Mais cedo, o americano William Kennedy e o irlandês Colum McCann partiram da origem

ciência irlandesa), de experiências marcantes como jornalistas e da paixão por suas cidades para dar um tom de conversa entre amigos à mesa "Albany, Nova York e outras aldeias".

Ironias contra o ateísmo na mesa de Eagleton

McCann declarou-se um grande fã de Kennedy, citando passagens de livros e entrevistas antigas do colega. Kennedy, por sua vez, mostrou conhecimento sobre a obra do irlandês e elo-

paíne de muitas vozes novaiorquinas em "Deixe o grande mundo girar" (Record).

Mais cedo, o crítico britânico Terry Eagleton foi responsável por bons momentos para a plateia da mesa "Andar com fé", a primeira do dia ontem. Ele atacou o ateísmo militante do biólogo Richard Dawkins.

— Dawkins acha que acreditar em Deus é como acreditar em aliens. Ele tem um pensamento racionalista do século XIX — afirmou. ■

O GLOBO NA INTERNET
A cobertura completa da Flip
oglobo.com.br/blogs/prosa

- **O GLOBO NO CELULAR:** Navegue em <http://oglobo.mobi/prosa>
- **O GLOBO NO TWITTER:** Participe do Twitter @ProsaVerso. Mande mensagens com o comando #Flip e ajude a cobrir o evento.

menor não tirar a meia e a sandália — eles só andam assim — para molhar os pés, ao contrário do que fizeram as mulheres deles, Aline Kominsky-Crumb e Lora Fontaine. Os dois comeram arroz, feijão e farofa, e gostaram.

Controvérsia sobre direitos autorais

Projeto de mudança na lei cria discordâncias entre autores e editores na festa

André Miranda

Enviado especial

• PARATY. A literatura não foi o único tema de discussão na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que termina hoje. No mês passado, o governo federal abriu para consulta pública uma proposta de alteração da Lei de Direito Autoral, que está em vigor desde 1998. Para o mercado editorial, a nova legislação pode representar mudanças em regras para autorização na concessão de licenças de reprodução das obras. O assunto ainda é polêmico e repercute nas ruas de Paraty em conversas entre editores, agentes literários e escritores. Um artigo da lei, por exemplo, define que o presidente da República pode "conceder licença não voluntária para tradução, reprodução, distribuição, edição e exposição" em casos específicos. Um desses casos seria "quando o autor ou titular do direito de reprodução, de forma não razoável, recusar ou criar obstáculos ao licenciamento previsto". Em outro ponto, a lei determina que "não constitui ofensa aos direitos autorais a utilização de obras protegidas, dispensando-se, inclusive, a prévia e expressa autorização do titular" em situações em que "não exista estoque disponível da obra". A consulta pública do governo vai até 31 de agosto, para receber opiniões de qualquer pessoa. Até anteontem, mais de quatro mil sugestões haviam sido dadas. ■

“

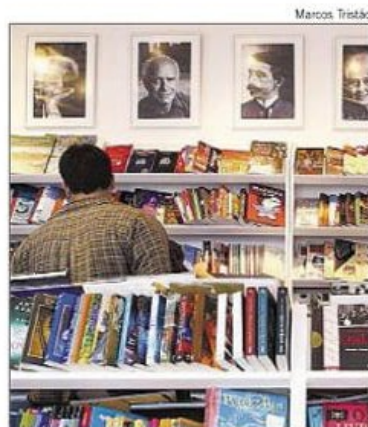
Nós, do Sindicato, chegamos a fazer diversas observações, mas parece que nada foi levado em conta. Quando a lei trata da autorização para reprodução de livros fora de catálogo, ela ainda leva em conta somente os livros físicos. Com o livro digital, a questão tem que ser debatida de outra forma.”

Mariana Zahar, editora

“

Não estou acompanhando muito a mudança da lei, mas acho que a ação de certas famílias está prejudicando a difusão de obras de grande importância. Tem que haver direitos autorais, claro, e eu, como escritor, sei e apoio o pagamento dos direitos. No entanto, se o engavetamento de materiais relevantes prejudica a divulgação da obra do autor, alguma coisa está errada.”

Moacyr Scliar, escritor



LIVROS À VENDA na Flip: governo planeja nova lei



André Teixeira

“

Essa sensação de liberdade para privilegiar o consumidor em detrimento do autor é perigosa em muitos aspectos, inclusive para a própria distribuição do conhecimento. O fato de algumas famílias atrapalharem o acesso a alguma obra não é justificativa para que todos os outros sejam prejudicados. Além disso, o assunto é complexo demais para ser debatido em tão pouco tempo.”

Lucia Riff, agente literária

“

Alterar de tal modo a Lei de Direito Autoral é perigoso. Tudo que envolve decidir sobre o uso de uma obra independentemente da vontade dos herdeiros precisa passar por grupos de análise, ter critérios. Eu, como artista, não vou alterar minha produção e meus projetos por conta dessa lei.”

Flávio Carneiro, escritor



André Teixeira

Um mediador popular que tenta desaparecer

Mexicano Ángel Gurría-Quintana é recordista na condução dos debates na Tenda dos Autores

Melina Dalboni

Enviado especial

• PARATY. Ele é o mediador recordista desta Flip. Desta e de quase todas as oito edições da festa. O jornalista mexicano Ángel Gurría-Quintana, que mora em Cambridge, Inglaterra, virou uma marca do evento. É figura certa na Tenda dos Autores. Este ano, entrevistou sete escritores, como Colum McCann e William Boyd, em três meses. E pegou muitos autógrafos.

— Peço para todo mundo, levo muitos livros assinados para casa — conta, em português.

Gurría-Quintana veio parar na Flip há seis anos, após cobrir o festival para o jornal inglês "Financial Times". Ficou fascinado com a cidade, com as pessoas, com tudo. No ano seguinte, foi chamado para trabalhar numa das mesas e transformou-se em mediador, coisa que nunca havia feito antes. Deu certo.

Nestas últimas seis edições, além de entrevistar escritores famosos, ele jogou pelada com Chico Buarque, conversou e caminhou pelas ruas do centro histórico com Michael Ondaatje e presenciou o nervosismo contagiante de Grégoire Bouillier antes de enfrentar a ex-namorada Sophie Calle em público.

Nascido na Inglaterra, Ángel mudou-se para o México aos 4 anos. Lá formou-se jornalista e se casou com uma mineira, res-

ponsável por seu bom português. Em 1997, mudou-se para Cambridge para fazer um mestrado. Acabou emendando no doutorado, no qual teve como orientador de tese o historiador Peter Burke, uma das estrelas desta Flip, que lhe apresentou a obra de Gilberto Freyre, o homenageado desta edição.

Leitura de livros como preparação para conversas

O trabalho de Ángel em Paraty começa logo no primeiro dia, quarta-feira, no tradicional almoço dos autores, fechado para a imprensa. É o único momento em que consegue encontrar todos os debatedores com quem estará. A preparação para os debates inclui a leitura da obra dos autores e uma pesquisa sobre o que será discutido. Para esta Flip, o jornalista leu dez livros e folheou vários outros. Para uma mesa com dois autores, ele acaba lendo ao menos quatro títulos. O mediador em quem se inspira é o brasileiro Humberto Werneck. E seu objetivo durante as apresentações é sumir:

— Lembro de uma mesa com muito carinho, com o Amós Oz e a Nadine Gordimer, em 2007. Eu estava nervoso de estar entre eles. Mas foi como se os dois estivessem conversando em casa, eu quase sumi, o que é exatamente o que o mediador deve fazer quando o papo começa a render. ■